

Flávio Rangel

Salve-se quem puder

Há alguns anos, o cineasta Pier Paolo Pasolini denunciou a existência de um grupo terrorista-estético, que se auto-intitulava "Os Pássaros". Um grupo de rapazes e moças, devidamente mascarados, entrava na casa das pessoas e, chilreando, sem dizer uma única palavra, espancava e amordaçava o "burguês", e em seguida deprecava tudo, rasgando telas valiosas, queimando esculturas e inutilizando objetos de arte. Deixavam um manifesto dizendo que eram contra "a arte burguesa", e a favor da "arte do povo".

Em São Paulo, ontem, foi denunciada a existência de um grupo chamado Movimento de Reorganização Nazista, que está se dedicando a invadir residências e espancar as pessoas. Espancaram a esposa do físico Mário Schenberg, ameaçaram telefonicamente o pintor Mário Gruber; e fizeram uma "lista" de pessoas que consideram contra o acordo nuclear com a Alemanha, naturalmente consideradas "comunistas sujas". Além dos citados, estão personalidades ilustres como Maurício Segall e Alberto Luiz da Rocha Barros, Fábio Magalhães, Anésia Pacheco e Chaves, e a esposa do empresário José Mindlin. Falando pelo telefone com Mário Gruber, o terrorista disse que tais artistas fazem "uma arte suja, porca, imunda, uma arte que corrompe". Declararam-se, também, anti-semitas. O secretário de Segurança admite a existência de grupos extremistas de esquerda, de direita, e até de "radicais do centro", e diz que é muito difícil apanhar os culpados.

No Rio de Janeiro, ontem, um fazendeiro e seu ajudante esquartejaram uma criança de dois anos e meio, com o objetivo de retirar-lhe o sangue e cumprir um ritual de magia negra. O sangue do menino era necessário para um "despacho" que "abrisse os caminhos" do fazendeiro, de modo que ele pudesse construir uma fábrica de cimento. Presos, o fazendeiro e seu ajudante estavam sendo ouvidos na delegacia de Cantagalo, onde se dera o crime, quando o prédio da polícia foi invadido por cerca de três mil revoltados moradores. Os criminosos foram linchados, sendo mortos a pauladas e esquartejados a golpes de faca, tendo depois seus corpos queimados junto com os automóveis da polícia. Os sociólogos colocam o assunto na rubrica "ritos primitivos de violência", e os juristas no item "delitos da multidão".

No filme "Tenho Medo", o ator Gian Maria Volonté faz o papel de um policial destacado para servir de guarda-costas a um juiz honesto. Vê-se envolvido numa conspiração política segundo a qual o Ministério da Defesa de seu país está ligado a um terrorista que aparece para o público como sendo de esquerda, mas que na verdade é um agente da ultra direita. Os assassinatos se sucedem com matemática precisão. No filme "Pânico no Atlântico-Express", agentes da CIA recebem no Ocidente o chefe da KGB. O substituto deste no serviço secreto soviético lança mão dos serviços de um grupo terrorista tipo "baader-meinhof", que pretende trair depois. Mas antes, é devidamente expulso a bordo de um falso cargueiro, pelos agentes da CIA trabalhando em comum acordo com o ex-chefe da KGB, pois este sugere que todos se camuflam de terroristas, "pois debaixo de uma máscara o anonimato é completo".

O Esquadrão da Morte, seções de Rio e São Paulo, continuam funcionando.

No livro "Proteu", de Morris West, o dono de uma poderosa multinacional vê sua filha e seu genro serem presos e barbaramente torturados pelo governo da Argentina. Há um diálogo entre o presidente da Argentina e o empresário, no qual o primeiro avisa que a filha do segundo foi torturada por profissionais, sob seu conhecimento. (Isto, no terreno da ficção. No terreno da realidade, há vinte mil "desaparecidos" na Argentina). O empresário multinacional, que ainda verá sua esposa, seu filho e seu genro assassinados por agentes argentinos (isto, na ficção; na realidade, Orlando Letelier foi morto em Washington em circunstâncias parecidas), dedica-se a uma cruzada em favor dos direitos humanos em todo mundo, e exige a anistia para todos os presos políticos do mundo. Se tal exigência não for atendida, promete envenenar os reservatórios de água de todas as grandes cidades, através de recursos que sua multinacional despõe e prometeu. O assunto termina na Assembléia da ONU.

Em Cabo Frio, um rapaz que deu quatro tiros no rosto de uma moça desarmada, saiu de seu julgamento para a praia, lampeiro e aplaudido por parte da multidão que o aguardava. Em Brasília, semana passada, o presidente da maior nação do hemisfério sul, declarou para os filhos de alguns dos sessenta milhões de trabalhadores a salário mínimo, que se recebesse tal remuneração, "dava um tiro no coco".

A ficção e a realidade me lembram uma frase de Bertolt Brecht: "Assim vai o mundo, e o mundo não vai bem".

Acho que não foi uma coluna muito amena prum domingo, não é? Me desculpem. Mas acho que também já está na hora de cada um comprar o seu revólver.